

DA FALA, DAS MÃOS, DO CORPO: A PRODUÇÃO CULTURAL NAS COMUNIDADES ARTESÃS DE CAMPO BURITI E CAMPO ALEGRE/MG EM UMA ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA

Rafael Antunes Machado¹

GD16 – Etnomatemática

Resumo: Este projeto de pesquisa apresenta os primeiros passos para a construção de uma dissertação junto ao Programa de Pós Graduação de Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). A produção cultural de artesãs das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, carrega saberes geracionais específicos daquela cultura. Dada a importância da produção de conhecimentos localizados e particulares de uma cultura específica, este projeto tem como objetivo analisar as narrativas de trabalho e vida das artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre, em Turmalina/MG, em uma abordagem etnomatemática. Para isso, proponho estudo de abordagem qualitativa, tendo como base metodológica a História Oral.

Palavras-chave: Artesanato. Educação Matemática. Etnomatemática. Narrativas. Saber da experiência.

COLETA DA TERRA: DE ONDE PARTO ATÉ ME ENCONTRAR COM ESTE TRABALHO

Em minhas ações em sala de aula como professor de matemática, não me deparava com situações que me despertassem interesse em desenvolver uma sobre assuntos referentes à aula ou ao conhecimento matemático escolar. Por isso, minha prática docente não foi, exclusivamente, a motivadora para a construção desta pesquisa.

Desde minha infância, sou ligado a questões “estéticas” em práticas culturais. Desenvolvi apreço especial pelas bonecas e flores de barro feitas e vendidas na cidade natal dos meus pais, Turmalina, interior de Minas Gerais. Como consumidor e observador desses decorativos feitos, em sua maioria, por mulheres, atentava-me apenas para a composição visual das peças : *“Será que ficarão bonitos na minha estante?”*. Recentemente, passei a enxergar a produção daquelas mulheres artesãs como práticas culturais que, aos olhos de um professor de matemática, poderiam ser dotadas (ou re-

¹ Universidade Federal de Minas Gerais– UFMG; Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Universidade Federal de Minas Gerais (acadêmico); e-mail: rafamachado87@hotmail.com; orientador: Filipe Santos Fernandes.

conhecidas) de saberes ditos *matemáticos* e, mais ainda, de ricas histórias de vida e trabalho.

Meu projeto para ingresso no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), centrava-se na Matemática que *re-conhecia* no contexto das produções daquelas artesãs do Vale do Jequitinhonha. Na escrita inicial, atentei-me para os formalismos da academia e atribuí à Matemática um papel *colonizador* diante da prática que eu pretendia analisar. *Colonizador* pois não enxergava as pessoas e suas trajetórias como agentes de produção de saberes, mas como passíveis de ser convertidos em nomes e padrões que já conhecia, segundo conceitos de simetria, volumes e outras tramas particulares ao universo escolar e acadêmico vinculado à Matemática. Entretanto, ao me sensibilizar pelas práticas geracionais das artesãs e de, finalmente, compreendê-las para além de um vislumbre colonizador, consegui perceber que uma Matemática idealizada no meu solo cultura pode não ser a mesma daquela que emerge na vida daquelas artesãs.

Este projeto, em sua versão reformulada na sensibilidade de um grupo singular de pessoas, tem sua reconstrução na perspectiva de busca de espaços: espaços de um desejo como sujeito pesquisador, professor de Matemática; e espaços de algumas mulheres como sujeitos ativos de uma nova realidade social, econômica e cultural que, por meio da artesanaria, se desenha nas Minas Gerais.

As comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, localizadas entre os municípios de Turmalina e Minas Novas, Minas Gerais, serão campos (ou palcos) da pesquisa que me proponho a desenvolver, *re-visitando* a produção do conhecimento matemático em comunidades artesãs.

Geograficamente, as comunidades mencionadas localizam-se no Vale do Jequitinhonha, mais precisamente no Médio Jequitinhonha. O clima da região é o do tipo continental-seco e quente, com altas médias de temperaturas durante o verão e inverno. A vegetação é dominada pelo cerrado e caatinga, com solos arenosos e argilosos, de coloração cinza-amarelada ou castanho-avermelhada, com ph ácido, o que dificulta a agricultura em larga escala.

Economicamente, o Vale do Jequitinhonha já foi caracterizado pela fome e pobreza, com alto índice de migrações sazonais para as culturas de cana no estado de São

Paulo. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas e do IPEA, o IDH em 1991 era de 0,350 e em 2010 salta para 0,615, com população em situação de vulnerabilidade social de 87% em 1991 e 57% em 2010.

As mulheres, aproximadamente 50% da população, restringiam-se, na zona rural, a atividades estereotipadas ao sexo feminino, como cuidados com a casa e com os filhos. A elas cabia, também, serviços artesanais para suprir necessidades do lar, como confecção de louças para o cotidiano e outras atividades sem valor econômico agregado. Nessas atividades artesanais, surge uma guinada econômica da região de Campo Buriti e Campo Alegre e a inserção das mulheres como parcela economicamente ativa da região.

Carolina Antunes (2016), em *Movimentos do Jequitinhonha: corpo e narrativa*, retrata, em um dos capítulos da obra, a evolução da participação feminina na região. Anteriormente sujeitas aos pais ou ao casamento, seres à margem de qualquer participação econômica direta nas famílias, despontam agora como mestras artesãs e mantenedoras de um saber geracional da arte de moldar o barro, além de fortes geradoras de renda.

A natureza e a aridez do Vale servem agora, segundo a mesma autora, como fonte de inspiração e oferta de matéria-prima para as mestras. A argila é coletada nas redondezas e assume colorações diferenciadas dado o local de sua coleta. Os papéis das mulheres e homens são retratados nas peças: parteiras, mães, noivas, agricultores. Vale ressaltar, também, a inexpressiva presença da figura masculina nessas produções.

Antunes (2016) revela um novo movimento econômico na região. Antes, os homens partiam para as lavouras de cana em São Paulo, mas com a produção e o alcance das peças das mulheres, os maridos e filhos mais velhos passam a ficar nas comunidades e assumem papéis de auxiliares das *mestras*.

Nesse contexto de giro econômico e de redesenho dos papéis sociais dos sujeitos que vivem nas comunidades, outros projetos merecem destaque. O projeto de *Raízes: desenvolvimento sustentável*, de iniciativa privada, traz seu foco para a região com uma proposta de turismo solidário e geração de renda. Para além das visitas às comunidades, o projeto enfatiza e valoriza a produção das artesãs, fazendo-as reconhecidas em diversas localidades do Brasil. O projeto *Maos: movimento das artesãs e ofícios*, por sua vez, traz a proposta do empoderamento feminino pelo trabalho, valorização da produção local e preservação de valores geracionais característicos da região. A iniciativa, também privada,

é responsável por pesquisas socioculturais e, ainda, geração de renda para as comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também está presente na região no que se refere à divulgação dos trabalhos das artesãs e ao levantamento de aspectos históricos e culturais dessas comunidades. Em 2019, a Universidade promoveu a 20ª Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha. Para Maria das Dores Pimentel, coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, “a Feira não é somente um espaço para venda, é mais do que isso, um espaço de encontro. É fundamental que a comunidade universitária e a população de BH conheçam esses saberes ancestrais, tão importantes quanto os acadêmicos”.

Assim me encontro: Matemáticas singulares emergem em tempo e espaços próprios.

REFINANDO A TERRA E PREPARANDO O BARRO: EXPERIÊNCIA, SABER DA EXPERIÊNCIA, SUJEITO DA EXPERIÊNCIA E COISAS QUE NÃO SEI SE POSSO (CONSIGO) NOMEAR

Nas comunidades de Campo Alegre e Campo Buriti, palcos desta pesquisa, as artesãs não apresentam grau elevado de escolaridade, segundo dados da Secretaria de Educação e Cultura de Turmalina, MG. Entretanto, para além de uma escolarização formal, as produções são profundamente afetadas pela experiência daquelas mãos que *co-habitam* o barro.

Para Larrosa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. As vidas das artesãs são o ponto de partida e o espaço que quero ocupar, permitindo-me ser atravessado por saberes geracionais que se desenham nas bonecas de barro do Vale do Jequitinhonha. O trabalho das artesãs será o catalisador da experiência para a qual me abrirei, na intenção de algo me aconteça, me toque.

Na pretensão de ser perpassado pela experiência que o campo proporcionará, segundo Larrosa (2002), tornar-me-ei um “território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, insere algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. Assim, eu, enquanto

pesquisador sensível ao contexto visitado, sujeito da experiência, serei caracterizado não simplesmente pela atividade que desempenharei no campo, mas pela receptividade, pela abertura e disponibilidade de encontrar um afetamento que se torne permanente em minha prática. Mais ainda, sujeito porque serei afetado, tocado, derrubado, ameaçado por novas práticas e vivências. Permitir-me-ei a vulnerabilidade e a transformação.

Da experiência e do sujeito da experiência, vejo-me diante do que se adquire ou do como se adquirem todas as interações e reações da experiência, o saber da experiência. Larossa (2002) afirma que a primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de existente singular e concreto. A experiência, para o autor, e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.

Neste ponto, cabe tensionar o saber da experiência em relação com meu próprio solo cultural e existencial que, como professor de Matemática, me colocam a entender a Matemática. Se tratada como ferramenta de aferição, a Matemática, comumente assumida como ciência ocidental, carrega o risco de transportar a experiência para o experimento. Neste sentido, Clareto (2009) afirma que

[...] será importante colocar em questão as concepções do conhecimento, para se pensar a questão do conhecimento matemático, as concepções de cognição e de aprendizagem para se pensarem as multiplicidades de maneiras de conhecer, as maneiras de existir – concepções de subjetividade – que levam a questionar a noção de sujeito do conhecimento em confronto com o sujeito da experiência. (CLARETO, 2009, p.130).

A autora afirma, ainda, que o conhecimento é emaranhado no sentir, nas experiências, na existência de quem conhece. Citando Nietzsche, sublinha que o conhecimento é algo humano e não está à procura da verdade, visto que as interpretações e as perspectivas são múltiplas. Coloca, também, que não se trata mais de uma busca do conhecido no desconhecido, a olhar para o outro e enxergar somente a minha própria imagem, a olhar a cultura, os saberes e as experiências do outro como sendo a minha própria cultura e de meus próprios saberes.

Paralelamente, Miarka (2013) contrapõe-se à ideia de descrever a matemática de uma prática, como se a toda prática coubesse uma matemática, convidando-nos à tarefa de *descrever uma prática matematicamente*. Na primeira, a matemática assume um papel de dominação e ignora a atuação do sujeito da experiência na prática. Na segunda, Miarka

(2013) afirma que descrever uma prática matematicamente² significa o relato da expressão de uma ação percebida por um sujeito direcionada por uma tematização³, nesse caso, a matemática. Vale ressaltar, que a tematização tem origem no solo cultural do descritor (no caso, o pesquisador), mas que deve levar em conta o solo cultural do praticante (as artesãs). Miarka (2013) frisa que se o tema guiado pela tematização não é significativo no solo cultural do praticante, então a descrição provavelmente dirá muito pouco sobre o significado que o praticante atribui à sua própria prática.

Para a confluência desses solos, neste ponto, para Miarka (2013) é necessário alocar-se uma região intersubjetiva em que o diálogo sobre o conhecimento produzido nas descrições possa ser discutido. Dessa forma, afetado pelas práticas vivenciadas em campo como pesquisador, estarei suscetível ao afetamento que as narrativas de vida daquelas mulheres produzirão em minha pesquisa. Aqui, a subjetividade e as narrativas das artesãs serão valorizadas e não serão traduzidas como aplicação da matemática ocidental em uma prática, mas como relatos feitos *matematicamente* de uma cultura inserida em um tempo e espaço próprios conformada por meio do intercâmbio de pessoas e culturas.

Cabe, agora, elucidar esta região intersubjetiva como um terceiro espaço. Este espaço, segundo Bhabha (1996), não é a capacidade de rastrear dois momentos originais de culturas distintas dos quais emerge um terceiro, mas a possibilidade de emergirem distintas posições. Para Canclini (2011), o terceiro espaço proposto por Bhabha é dado pela hibridação, sendo esta os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

Assim, neste trabalho, a hibridação ou terceiro espaço poderão ser notados sob duas lentes: a primeira, situada no trabalho das artesãs, que *re-constroem* e adaptam suas peças segundo demandas econômicas locais, de mercado de artes e estéticas sem, entretanto, abandonarem os saberes que lhes são particulares; e a segunda, situada em meu olhar sobre as narrativas do trabalho dessas mulheres, no intuito de descrever matematicamente aquela prática.

² O advérbio *matematicamente* está ligado ao modo de como algo é feito. Neste caso, para Miarka (2013), matematicamente indica que algo é feito de acordo com um modo consoante com o que se conhece da região de conhecimento da matemática disciplinar acadêmica e sua estrutura lógica.

³ Para Miarka (2013), a opção por *tematização* ao invés de *tema* pelo fato da primeira carregar consigo a ideia de ato e sua dinamicidade, enquanto a segunda é estática. Assim, quando algo é tematizado, há uma ação envolvida, aquela de colocar algo sob a perspectiva de um tema.

Assim me pergunto: *De que forma uma matemática se constitui nas experiências junto às ceramistas das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, no Vale do Jequitinhonha/MG?*

MOLDAR O BARRO E SEGUIR A INTUIÇÃO DAS MÃOS: UMA ABORDAGEM ETNOMATEMÁTICA

Para tratar de uma relação entre o conhecimento matemático e um contexto regional/cultural determinado, convidamos o conceito de *etnomatemática* que, para D'Ambrosio (2002), constitui-se em torno da descrição da matemática presente em uma prática. Para o autor,

A etnomatemática raramente se apresenta desvinculada de outras manifestações culturais, tais como arte e religião. Ela se enquadra, perfeitamente, numa concepção multicultural e holística, em que diferentes ações e interações são organizadas, de forma conectada, no momento em que ocorrem os processos de atividades laborais, caracterizando uma dinâmica ou holística de comportamentos. Ações e percepções organizadas em função do trabalho realizado (ou a ser realizado) convergem para pensarmos elementos de significação e representação, sob uma perspectiva antropológica do conhecimento. (D'AMBROSIO, 2002, p. 44).

Paralelamente, Clareto (2009) aponta que a etnomatemática não busca ser uma ciência nas bases das ciências modernas, nos moldes eurocêntricos, pragmáticos e racionalistas. Trata-se de abordar pensamentos provocadores de aberturas de possibilidades outras. Para a mesma autora (CLARETO, 2009), o foco da etnomatemática é a diversidade, a variação, a diferença. Ou seja, a etnomatemática como lugar de diferença: pluralização das noções de conhecimento, matemática, racionalidade, cognição, aprendizagem, além de colocar no plural também maneiras de conhecer de viver e de existir. A etnomatemática abre possibilidades para se compreender o conhecimento como invenção, como inventividade, como problematização, e não como simples repetição de sentidos.

Intensificando as discussões acerca da produção de conhecimento em etnomatemática, a autora afirma que

Essa maneira de compreender o conhecimento, como re-conhecimento acaba animando algumas pesquisas em Etnomatemática que buscam a matemática, tal como ela é compreendida pela sociedade de tradição científica, em contextos socioculturais novos. Nessa perspectiva, a Etnomatemática assim praticada seria um re-conhecimento da matemática ocidental, não um conhecimento daquilo que efetivamente acontece naquela sociedade que está sendo estudada. Ela acaba assim sendo um legitimador da própria matemática ocidental. Não há um

processo de conhecimento das matemáticas produzidas por outros grupos socioculturais. Não há, pois, legitimação dos saberes produzidos por aquele grupo. Só há re-conhecimento, e não conhecimento. (CLARETO, 2009, p. 128).

Diante de novas perspectivas e de novos estranhamentos, diante daquilo que nos atravessa, é inconcebível a linearidade e a unicidade das formas de conhecer no Programa Etnomatemática. Para Clareto,

A Etnomatemática opera em uma direção bastante distinta: ela evidencia as diferenças localizando-as no espaço e no instante. Não há, pois, um único caminho, um ponto de chegada delineado *a priori*. Não há o único, o absoluto: uma matemática única e absoluta, baseada em verdades universais, totalizantes. Ao contrário, a multiplicidade de caminhos e de chegadas possibilita pensar as etnomatemáticas. (CLARETO, 2009, p. 131).

Em consonância com as ideias de Clareto (2009), assumo a postura de que a Etnomatemática é um matiz (não uma matriz) dinâmico e suscetível à atividade das artesãs e à experiência que busco com esta pesquisa. Não será engessada em uma meta de pesquisa definida preliminarmente, mas permeável aos afetamentos que me ocorrerão em tempo e espaços únicos e em experiências singulares. Uma postura de Etnomatemática que nasce em uma comunidade com saberes únicos e que não podem ser reproduzidos em contextos outros.

Assim me coloco em prova: As artesãs dão vida e mantêm vivos os saberes geracionais próprios do seu grupo por meio de suas obras com o barro. Nas narrativas e práticas dessas mulheres, emergem saberes únicos que se figuram e se autorizam ali, e somente ali, naquele espaço e tempo irreproduzíveis. A questão que me move é como esses saberes ressignificam o matemática que possuo em meu solo cultural...

SECAR O TRABALHO, ACENDER O FORNO, QUEIMAR A PEÇA. SE ASSAR DIREITO, A GENTE PINTA, SE NÃO, COMEÇA DE NOVO: METODOLOGIA

Como recurso metodológico optarei pela História Oral, dadas as especificidades desde trabalho. Meihy (apud GARNICA, 2003), afirma que História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Trata-se sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva. Segundo Garnica (2003), diversos trabalhos que assumem trabalhar com História Oral em Educação Matemática apresentavam elementos que se assemelhavam.

Pode-se falar que, pensada como metodologia de pesquisa, a História Oral exige uma pré-seleção dos depoentes – ou um critério significativo para selecioná-los – , entrevistas gravadas – gravações essas que se constituirão no documento-base da pesquisa –, instâncias de transformação do documento oral em texto escrito – conjunto de processos distintamente denominado e conceituado nas investigações sob análise (fala se em transcrição, de-gravação, transcrição e textualização) –, um momento que poderia ser chamado “legitimação” – quando o documento em sua versão escrita retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo pesquisador e, finalmente, um momento de “análise” – certamente o de mais difícil apreensão. (GARNICA, 2003, p.10).

Segundo o mesmo autor, este recurso metodológico preocupa-se em abordar o acontecimento social sem classificações prévias, sem procurar “coisificá-la” ou “factualizá-la”, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre histórias particulares e a cultura que as contextualiza. Esta perspectiva vai ao encontro da proposta deste projeto em sua abordagem etnomatemática, ao levantar e valorizar produções e tensionamentos próprios de um grupo cultural.

A História Oral se desdobra em duas vertentes, sendo a História de Vida e a História Oral Temática. A escolha de uma ou outra perspectiva dependerá dos objetivos do pesquisador com o estudo desenvolvido.

Ao trabalhar com a História de Vida, o pesquisador interessa-se pelo que o depoente, previamente selecionado, conta de sua vida como uma totalidade: o depoente narra-se. Infância, adolescência, juventude, velhice, hábitos, vida profissional e pessoal compõem uma trama na qual se desfiam percepções e reconstruções do espaço e do tempo vividos. O trabalho com História Oral Temática, ainda que, como na História de Vida, pautado nos depoimentos orais recolhidos de pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centra-se mais em um conjunto limitado de temas. Pretende-se reconstituir “aspectos” da vida dos entrevistados: pretende-se auscultar partes de experiências de vida, recortes previamente selecionados pelo pesquisador. Certamente que, dada a atmosfera em que se espera transcorra a entrevista, fatos que deslizem para fora do campo temático previamente definido pelo pesquisador são também considerados, mas não terão, necessariamente, papel decisivo na interpretação da narrativa colhida. (GARNICA, 2003, p.18).

Dado o contexto do meu trabalho, debruçar-me-ei sob a História Oral Temática, visto que meu interesse, em um primeiro momento, reside no recorte das experiências reservadas, especialmente, ao trabalho das artesãs.

Na perspectiva deste estudo, serão utilizados recursos como entrevista com vídeo-gravação. No momento da entrevista, ou depoimentos dialogados (GARNICA, 2003), o pesquisador ouve a narração de algo que pretende compreender e articular, a partir das compreensões e articulações do depoente. A narração é o momento de construção das

personagens para o pesquisador tanto quanto é, na maioria das vezes, para o próprio depoente.

Além da História Oral Temática, recorre-se à Contreras (2017) e sua proposta denominada *indagação narrativa*, que consiste em não interpretar a realidade, mas criar uma nova relação com ela. Nesse sentido, a indagação narrativa preocupa-se, para além da composição narrativa dos textos, com as dimensões narrativas da experiência para, aprofundando-se com elas, abrir-se a novas possibilidades para o pensamento educativo.

Tomar consciência das vidas em movimento, dos acontecimentos que sucedem e das histórias que contamos sobre elas. E descobrir como estas histórias podem ser contadas de novas maneiras, para perceber novas compreensões nestas vidas e acontecimentos, e novas potencialidades e possibilidades educativas para os mesmos. (CONTRERAS, 2017, p. 29).

Aqui, o autor evidencia a potencialidade de ensinar (através da experiência) tecendo-se relações de vidas que se cruzam, se tocam e se afetam (no meu projeto, com os afetamentos sobre o descritor e os praticantes).

Nos procedimentos metodológicos, ainda, cabe a submissão e aprovação deste projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG). Segundo informações do portal do comitê de ética, em se tratando de pesquisa com humanos, o COEP/UFMG é o órgão institucional da UFMG que visa proteger o bem-estar dos indivíduos participantes em pesquisas realizadas no âmbito da Universidade. Necessitam da aprovação do COEP os projetos de pesquisa cuja fonte primária de informação seja o ser humano, individual ou coletivamente, direta ou indiretamente – incluindo suas partes. Isto inclui material biológico ou dados já armazenados. Juntamente com o projeto, constaram na submissão roteiros das entrevistas e termos de consentimento e assentimento, juntamente com toda a documentação que resguarde a condução deste trabalho.

Os locais de pesquisa serão as comunidades artesãs do Campo Alegre e Campo Buriti, zona rural de Turmalina, MG no Vale do Jequitinhonha. A imersão do pesquisador ocorrerá em dezembro e janeiro de 2020.

Segundo relatório da prefeitura municipal de Turmalina/MG, a produção das comunidades artesãs de Campo Buriti e Campo Alegre é feita prioritariamente por mulheres, com faixa etária de 20 a 70 anos, com escolaridade até ensino médio incompleto. Esse grupo será o público estudado por meio deste trabalho.

Assim me desconstruo e reintegro: de fato, prepotência alguma pode legitimar ou firmar o local de uma ideia que não seja a sua própria.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Movimentos do Jequitinhonha**: corpo e narrativa. 1. Belo Horizonte: O lutador, 2015.
- BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 2011.
- CLARETO, S.M. Conhecimento, inventividade e experiência: potências do pensamento etnomatemático. In: FANTINATO, M.C.C.B. (Org.) **Etnomatemática**: novos desafios teóricos e pedagógicos. Rio de Janeiro: EdUFF, 2009, p.125-134.
- CONTRERAS, J. **Enseñar tejiendo relaciones**: una aproximación narrativa a los docentes y sus clases de Educación Infantil y Primaria. Espanha: Morata, 2017.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2002.
- GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, Campinas/SP, v.11, n.19, p.9-56, jan. 2003.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas/SP, n.19, p.20-28, jan. 2002.
- MIARKA, R. Descrições em etnomatemática: “a matemática de uma prática” ou uma “prática matematicamente”? **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, Colômbia, v.6, n.2, p.35-47, 2013.
- Turmalina (Minas Gerais). Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer. Turmalina, 2018.